

CAPÍTULO 9:

PRÁTICAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM BILÍNGUES PARA ESTUDANTES SURDOCEGOS

Ernesto Bento e Silva¹
Roberta Aparecida Rodrigues Pessoa²
Rodrigo Carlos Pinheiro³

1. Introdução

Desde a década de 1990, a Comunidade Surda brasileira já defendia a *Educação Bilíngue de Surdos* (Fernandes; Moreira, 2014), tirando o foco da deficiência e enfatizando a existência de uma língua de sinais própria (nesse caso, a Libras) para a comunicação de pessoas surdas – e surdocegas – que independe da oralidade. As lutas por essa modalidade de educação e por várias outras pautas políticas, socioculturais e linguísticas vem resultando em diversas conquistas para a Comunidade Surda, bem como para a Comunidade Surdocega.

Uma conquista importante foi a promulgação da Lei 10.436/2002, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais – Libras como “forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (Brasil, 2002, art. 1, parágrafo único).

¹Professor de Libras e Supervisor Pedagógico no CAS-BH. Graduado em Pedagogia e em Letras Libras, Especialista em Educação de Surdos e Libras. E-mail: ernestobentos@gmail.com

²Professora de Libras no CAS-BH. Graduada em Letras Libras e Especialista em Educação de Surdos e Libras. E-mail: betaniaparecida@yahoo.com.br

³Professor de Matemática no CAS-BH. Graduado em Matemática, Mestre em Educação Matemática, Especialista em Libras e Educação para Surdos e Doutorando em Educação: Conhecimento e Inclusão Social. E-mail: rodrigopinheiro506@gmail.com

Outra conquista recente foi o reconhecimento da *Educação Bilíngue de Surdos* (e de surdocegos) como modalidade educacional independente da Educação Especial. Em 3 de agosto de 2021, passou a vigorar a Lei nº 14.191, alterando a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – estabelecendo, assim, em seu Art. 60-A, como:

[...] a modalidade de educação escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de Educação Bilíngue de Surdos, para educandos surdos, **surdo-cegos**, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas, optantes pela modalidade de Educação Bilíngue de Surdos (Brasil, 2021, art. 60-A, destaque nosso).

A nova legislação reconhece, assim, a Educação Bilíngue de Surdos como uma educação condizente com a realidade linguística e sociocultural das pessoas surdas e surdocegas.

Nesse contexto, a Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em 2022, por meio do Centro de Educação a Distância (CEaD), ofertou o curso on-line “Educação de Surdos em perspectiva bilíngue: teoria à prática de ensino”, no qual o segundo módulo tratou, especificamente, sobre *as práticas de ensino e aprendizagem bilíngues para estudantes surdocegos*. Esse módulo ocorreu no formato de uma aula on-line, ministrada pelos professores Ernesto Bento e Silva e Roberta Aparecida Rodrigues Pessoa.

Este capítulo, portanto, abordará alguns aspectos patológicos, históricos e linguísticos das pessoas surdocegas e centralizará nos processos de ensino e aprendizagem de estudantes com surdocegueira. Porém, o nosso foco está voltado para as pessoas surdocegas que se comunicam em Libras (Tátil) e, portanto, constituem uma cultura surdocega e, por ela, são constituídos. Por fim, apontaremos as várias

possibilidades de comunicação e interação com esses sujeitos socioculturais.

2. Aspectos patológicos e linguísticos das pessoas surdocegas

Gostaríamos de iniciar esta seção refletindo sobre como promover o processo de ensino e aprendizagem de estudantes surdocegos. Para tal reflexão, porém, é necessário considerar a existência dos vários perfis e identidades de estudantes com surdocegueira. Desse modo, é preciso entender, primeiramente, como essas pessoas adquiriram a surdocegueira, uma vez que ela pode ocorrer por diferentes causas.

Destacamos aqui as causas mais comuns da surdocegueira: (1) síndromes genéticas, como Usher, Trissomia, Goldenhar e Marfan; (2) diabetes; (3) tumores cerebrais; (4) acidente vascular cerebral (AVC); (5) meningites; (6) choques anafiláticos. Dito isso, é necessário distinguir, também, como se deu a aquisição de linguagem da pessoa com surdocegueira, já que essa aquisição pode se dar de duas formas: *pré-linguístico* ou *pós-linguístico*.

No primeiro caso, o *pré-linguístico*, a criança nasce com surdocegueira ou a adquire antes da aquisição da linguagem. Isso não significa que, ao nascer, a criança surdocega não apresente resíduo auditivo ou resíduo visual. Nesse contexto, a criança com surdocegueira pré-linguística terá seu processo de aprendizagem potencialmente mais demorado e complexo. Haverá a necessidade de um acompanhamento familiar e profissional para que ela receba os estímulos adequados, muitas vezes, de forma tátil, já que ela não enxerga (totalmente) e nem escuta (totalmente). Com efeito, sua forma de ver e perceber o mundo ao seu redor é muito diferente em relação às pessoas ouvintes ou mesmo em relação às pessoas surdas.

Pensando nas pessoas surdocegas pré-linguísticas, existe a possibilidade do desenvolvimento comunicacional por meio do *Tadoma*, por exemplo, que explicaremos na próxima seção. Ao desenvolver o *Tadoma* como sistema de comunicação, talvez, a criança possa ter mais facilidade para compreender a linguagem oral. Contudo, não há de fato um método certo para essa criança se comunicar, pois cada uma terá um aprendizado particular. Inclusive, outra possibilidade comunicacional é a aprendizagem da Língua de Sinais.

No segundo caso, o *pós-linguístico*, a pessoa se torna surdocega após a aquisição da linguagem, seja a língua oral ou sinalizada. Há basicamente três possibilidades para se tornar uma pessoa surdocega pós-linguística. Primeiramente, temos um cenário em que a criança nasce com a audição e a visão preservadas, mas, ao longo da vida, adquire perdas totais ou parciais da visão e da audição.

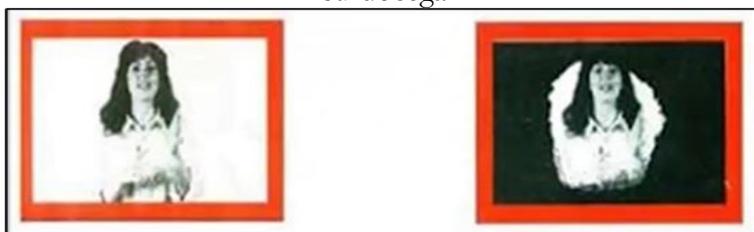
No segundo cenário, a criança nasce surda (ou com perda auditiva) congênita e com a visão preservada, mas, ao longo do tempo, por algum trauma ou doença, a visão vai diminuindo, podendo chegar à cegueira completa. Em termos educacionais, é comum que seus familiares não conheçam a Língua de Sinais. Nessas situações, a criança pode frequentar a escola e receber estímulos para o desenvolvimento da Libras, por exemplo.

No terceiro cenário, a criança nasce cega (ou com perda visual) congênita e com a audição preservada. No decorrer do tempo, essa criança adquire a surdez (ou perda auditiva), e, então, será considerada como surdocega. Nesse caso, é comum que a criança desenvolva a fala, ou seja, a oralidade.

A pessoa surdocega pode ter perda auditiva ou ser totalmente surda e pode ter baixa visão ou ser totalmente cega. Diferentemente de uma pessoa sem qualquer comprometimento visual, ou seja, que possui um campo limpo, o sujeito com baixa visão, a depender da causa, poderá enxergar de diferentes formas: (1) embaçada; (2) trêmula; (3) pingada; (4) distorcida; (5) centralizada, entre outras.

Um exemplo da visão centralizada de uma pessoa surdocega pode ser visto a seguir, na Figura 1. Nesse caso, a pessoa surdocega possui um campo de visão muito mais limitado e seriamente comprometido, principalmente, no tocante aos seus pontos periféricos. Ele enxergará de forma muito mais centralizada.

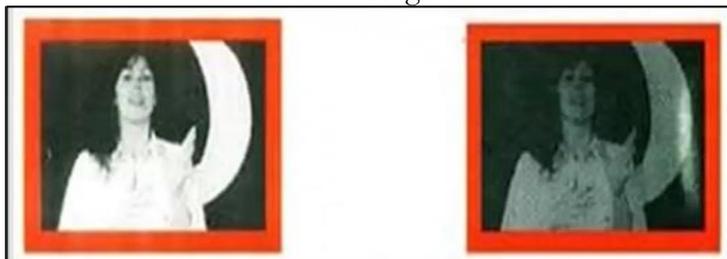
Figura 1 - Representação da visão centralizada de uma pessoa surdocega



Fonte: Garcia (2008).

Já no caso exemplificado abaixo, na Figura 2, temos uma visão mais escurecida ou distorcida, ou seja, esse sujeito não será capaz de ver com muita exatidão. Aqui, esse surdocego apresentará mais dificuldades, por exemplo, ao entardecer, com a mudança de luz, gerando bastante confusão. É necessária uma luz mais forte para auxiliá-lo.

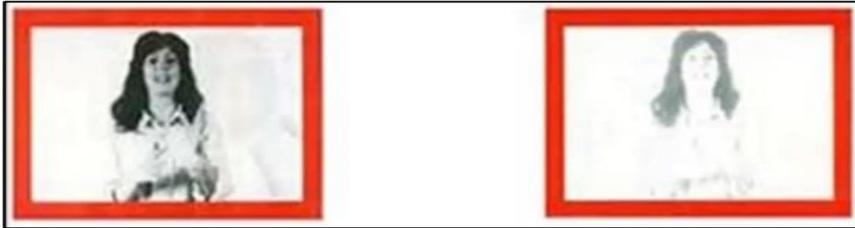
Figura 2 - Representação da visão escurecida de uma pessoa surdocega



Fonte: Garcia (2008).

No exemplo exibido na Figura 3, não temos um problema de baixa luz. Nesse caso, esse sujeito vê as coisas de forma muito embaçada, em preto e branco. Portanto, sem muita percepção.

Figura 3 - Representação da visão embaçada de uma pessoa surdocega



Fonte: Garcia (2008).

3. Aspectos comunicacionais das pessoas surdocegas

Podemos utilizar várias estratégias para realizar a comunicação com uma pessoa surdocega, sendo que algumas dessas possibilidades podem ser utilizadas concomitantemente: Libras Tátil; Comunicação Háptica; Tadoma; Guia-intérprete de Língua de Sinais; Sistema Braille; Alfabeto Datilológico; Tablitas de Comunicação; Letras de forma.

A comunicação por *Libras Tátil* ocorre, geralmente, quando o sujeito já sabe a Língua Brasileira de Sinais e, por algum motivo, perde a sua visão, tornando-se surdocego. Ele continuará usando a Libras, porém fazendo isso de forma tátil. A pessoa surdocega coloca sua(s) mão(s) sobre as mãos do interlocutor enquanto ele estiver sinalizando, para sentir e interpretar o que está sendo enunciado em Libras. Temos ainda o *Alfabeto Datilológico*, que, de certa forma, integra a comunicação por Libras Tátil. O alfabeto datilológico é, na verdade, o alfabeto manual da Libras, que representa, por meio das mãos, as letras do alfabeto da língua oral.

Quando uma pessoa surdocega tem a visão periférica comprometida, ela poderá se comunicar utilizando a *Comunicação Háptica*, que se trata do uso simultâneo da Libras e de uma comunicação háptica.

Esse sistema de comunicação possibilitará que a pessoa surdocega receba informações correspondentes à Língua de Sinais, em locais não manuais (costas) do corpo, que “representarão sentimentos, sensações ou outras informações preestabelecidas entre os interlocutores (surdocego e guia-intérprete)” (Almeida, 2022, p. 22).

De acordo com a Superintendência Regional de Ensino de Itajubá, Minas Gerais, o *guia-intérprete de Línguas de Sinais* é o profissional que:

[...] domina diversas formas de comunicação utilizadas pelas pessoas com surdocegueira, podendo fazer interpretação ou transliteração. A transliteração ocorre quando o guia-intérprete recebe a mensagem em uma determinada língua e transmite à pessoa surdocega na mesma língua; porém, usa uma forma de comunicação diferente e acessível ao surdocego, que está atuando como acompanhante e precisa, portanto, estar sempre fazendo o trabalho de guia e interpretação para o surdocego (Minas Gerais, 2019)⁴.

Resumidamente, o *Braille* é um sistema de pontos em alto relevo que, combinados, formam as letras do alfabeto e os números, permitindo que a pessoa surdocega possa desenvolver a leitura por meio do tato. Esse sistema é considerado importante para que a pessoa surdocega desenvolva também a escrita.

O *Tadoma*, de acordo com Secretaria da Educação do Paraná, “consiste na percepção da língua oral emitida, mediante uso de uma ou das duas mãos da pessoa surdocega utilizando geralmente o dedo polegar, colocado suavemente sobre os lábios e os outros dedos mantidos sobre a bochecha, a mandíbula e a garganta do interlocutor” (Paraná, 2023)⁵.

⁴Para mais informações, acesse:

<https://sreitajuba.educacao.mg.gov.br/index.php/home/institucional/diretoria-educacional/2-uncategorised/91-professor-guia-interprete>

⁵Para mais informações, acesse:

<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=707>

Há também as *Tablitas de Comunicação*, que são objetos, geralmente fabricados em plástico duro, que representam as letras do alfabeto e os números, ambos em alto-relevo, de forma que o surdocego consiga estabelecer a comunicação por meio do tato.

Por último, há as *Letras de forma*. Nessa forma de comunicação, o surdocego (ou interlocutor) utiliza as pontas dos dedos, como se fosse uma caneta, para escrever as palavras, utilizando letras de forma na palma da mão ou em qualquer outra parte do corpo do interlocutor (ou da pessoa surdocega).

É válido ressaltar que existe, ainda, a possibilidade da adaptação da língua escrita para aquelas pessoas surdocegas com baixa visão. Às vezes, será o caso de aumentar a fonte ou o uso do negrito, dando um maior destaque à escrita, para que a pessoa com surdocegueira não precise se esforçar demais e consiga realizar a leitura.

4. Aspectos históricos das pessoas surdocegas

Consideramos importante relatar, mesmo que brevemente, a história de Helen Adams Keller, surdocega, nascida nos Estados Unidos, no dia 27 de junho em 1880. Certamente, ela não foi a primeira pessoa surdocega da história, mas é a primeira com sua trajetória registrada. Ela nasceu ouvinte e vidente, porém, por volta dos 18 meses de idade, por uma doença, perdeu completamente sua visão e audição. Seus pais, certamente muito preocupados e sem conhecimento de como lidar com uma criança surdocega, começaram a investigar formas de ajudá-la.

Em março de 1887, Anne Sullivan (1866–1936), professora do Instituto Perkins para Cegos em Boston, Massachusetts, que também tinha deficiência visual, tornou-se professora de Helen, ensinando-a a se comunicar. Em apenas três anos, ela aprendeu o alfabeto manual da Língua de Sinais Americana, o sistema Braille e, ainda, aprendeu a ler e escrever.

Helen Keller foi a primeira pessoa surdocega a realizar um curso superior, formando-se em filosofia. Além disso, se tornou escritora, conferencista e ativista social. Devido à sua data de nascimento, o dia 27 de junho foi escolhido para ser celebrado o Dia Internacional da Pessoa Surdocega.

Antes de tratar sobre o processo de aprendizagem da Libras por estudantes surdocegos, se faz necessário conhecermos a história da criação do sinal (em Libras) de *surdocego*, que foi criado pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis), em 1940. Nessa época, pessoas surdas que eram membros da Comunidade Surda brasileira começaram a apresentar dificuldades (ou perdas) na visão, que, apesar de indicações médicas, não se resolviam por meio de cirurgias. Diante da irreversibilidade desse quadro, esses sujeitos entenderam que eles poderiam sinalizar, mas continuariam a apresentar dificuldade para enxergar o que estava sendo sinalizado, levando, então, à necessidade do uso da *Libras tátil* e até mesmo de um guia-intérprete.

Com o aumento de casos como esses, a Feneis, por meio de estudos, criou, então, um sinal específico para os membros da Comunidade Surdocega. Desse modo, o sinal de “surdocego”, representado na Figura 4, possui a mesma configuração de mão que o sinal de “surdo”, porém com o movimento direcionado aos olhos, fazendo referência à cegueira.

Figura 4 - Sinal de *surdocego*



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

5. Estratégias didáticas e comunicacionais nos processos de ensino e de aprendizagem para pessoas surdocegas

Para que os processos de ensino e de aprendizagem sejam eficazes, é necessário avaliar e entender a condição de cada estudante, pois, dessa forma, os educadores poderão estabelecer as estratégias que possam, de fato, contribuir com o desenvolvimento do educando. Muitas vezes, o atendimento será realizado de modo individualizado e especializado. Para isso, alguns aspectos devem ser destacados: a) Limites e possibilidades de cada estudante; b) Plano de Desenvolvimento Individual (PDI); C) Planejamento pedagógico; D) Equipe profissional.

Para entendermos os limites e possibilidades de cada estudante, ele será avaliado por uma equipe profissional, assim que se matricular na escola. Nessa avaliação, alguns questionamentos são imprescindíveis: Qual o seu nível de surdez? Qual o seu nível de cegueira? Em casos em que esses comprometimentos são profundos, o uso da Libras Tátil é muito recomendado. Para aqueles com baixa visão, é aconselhável que o estudante fique próximo do educador e que outras questões sejam analisadas, como iluminação, as cores de roupas e fundo de slides, por exemplo. São inúmeras as possibilidades dentro dos limites de cada estudante.

O PDI é um instrumento importante para compreender como os alunos surdocegos estão evoluindo, principalmente, em relação aos conteúdos escolares. Para elaborar o Planejamento Pedagógico, o professor precisa refletir sobre os principais objetivos naquele momento em que o estudante se encontra. Para isso, o PDI será fundamental. Se o estudante ainda não sabe Língua de Sinais, uma possibilidade é apresentar materiais em alto relevo, para que ele possa senti-los e explorá-los. Por exemplo, para um aluno com baixa visão, podemos elaborar as letras do alfabeto, figuras geométricas e elementos

da natureza em EVA, usando cores fortes e vibrantes para que consiga construir os significados.

Figura 5 - Materiais elaborados para estudantes surdocegos



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Na figura 5, vemos o uso do EVA, em conjunto com outros materiais (como o algodão), para criar materiais em alto relevo, auxiliando na representação das formas geométricas, além da representação de árvores, chuva, sol, nuvens, mar.

Outra (re)elaboração que pode ser feita é em relação ao material escolar, como nos cadernos, por exemplo. A percepção das linhas, dependendo do grau de cegueira, pode ser extremamente difícil. Então, fazer linhas em negrito e mais graúdas poderá contribuir para que o estudante desenvolva a escrita. Utilizar letras maiores, com fontes em tamanhos 14 ou 18, também pode ser uma boa estratégia.

Por último, um aspecto essencial para a construção do PDI e do Planejamento (ou mesmo para o diagnóstico) é a colaboração da equipe profissional, que deve estar em contato diário com o surdocego. Essa equipe engloba os professores, os tradutores e intérpretes de Libras ou guia-intérpretes e os professores de Libras. Esse aluno, ao entrar em sala de aula, precisa ser acolhido de acordo com suas demandas, de forma muito bem-organizada, por isso é necessário que todos os profissionais estejam engajados e prontos para (re)elaborarem os materiais adequados à especificidade de cada estudante.

Além de todos os aspectos destacados acima, consideramos fundamental que os profissionais que estarão em contato com estudantes surdocegos busquem as estratégias mais adequadas para uma boa comunicação. É por meio de uma comunicação eficiente que o estudante terá a oportunidade de se desenvolver. Desse modo, a partir daqui, iremos descrever as estratégias adequadas para abordar e se comunicar com pessoas surdocegas por meio da Libras ou Libras Tátil.

Figura 6 - Abordagens inadequadas a uma pessoa surdocega



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Na figura 6, a mulher que está em pé é a professora Roberta, que é surda. Na primeira imagem (à esquerda), ela balança sua mão para chamar o professor Ernesto, surdocego, que está sentado. Ernesto, porém, está com a cabeça baixa, observando alguns materiais e conversando com sua colega⁶. O sinal que Roberta faz, tentando chamar a atenção de Ernesto, é realizado em vão. Na segunda imagem (à direita), Roberta aproxima-se de Ernesto de forma afobada, projetando suas mãos e sinalizando rápido e perto do rosto de Ernesto. Ele reage de forma confusa e desconfortável, não conseguindo compreendê-la. Os “x” (em vermelho) nas imagens indicam que essa

⁶Roberta Gomury é a mulher que está sentada, conversando com Ernesto. Ela trabalha no CAS-BH, com os autores no, e autorizou a divulgação de sua imagem.

postura é inadequada para estabelecer a comunicação com pessoas surdocegas.

Na Figura 7, vemos o oposto: uma comunicação adequada e eficiente. Por isso, inserimos os ícones verdes. Na primeira imagem (à esquerda), a professora Roberta aproxima-se calmamente, tocando levemente na mão de Ernesto. Após o toque, Roberta se posiciona em frente ao surdocego, fazendo contato visual para iniciar a comunicação. Na segunda imagem (à direita), Roberta aproxima-se de Ernesto, de forma calma, tocando o seu braço e esperando sua reação, para, então, fazer contato visual e sinalizar em Libras.

Figura 7 - Abordagens adequadas a uma pessoa surdocega



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Muitas vezes, percebemos uma dificuldade dos surdocegos para acompanharem as informações que os intérpretes (ou guias-intérpretes) estão tentando passar. O adequado é sempre aguardar um pouco antes de sinalizar. É preciso, portanto, que o profissional confirme que está sendo bem visualizado para, então, usar a Língua de Sinais. Dessa forma, não será necessário voltar e repetir a informação.

Na Figura 8, nos deparamos com a exemplificação de um outro tipo de problema. Na primeira imagem (à esquerda), Roberta, que estava interagindo com Ernesto, sai do seu campo de visão sem antes avisá-los. Essa forma de se retirar é inadequada, pois deixa a pessoa

surdocega confusa, procurando-a e sem entender seu sumiço. Na segunda imagem (à direita), antes de se afastar ou se retirar, Roberta faz um sinal com os dedos (representando os pés de uma pessoa em movimento), encostando-os no braço de Ernesto. Esse sinal indica que ela está se retirando. Dessa forma, a pessoa surdocega saberá que o interlocutor não está mais presente.

Figura 8 - Formas (incorreta e correta) de agir ao se afastar de uma pessoa surdocega



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

A sinalização adequada é muito importante para que a pessoa surdocega se sinta confortável e acolhida. Para isso, muitos sinais podem ser realizados com um contato háptico, seja no braço ou nas costas. Essa forma de comunicação é apontada como uma conduta esperada e adequada ao guia-intérprete de Libras.

Destacamos que, em uma interação com uma pessoa surdocega, sempre que outra pessoa se aproximar, o guia-intérprete ou o interlocutor deve sinalizar para o surdocego, avisando-o que alguém se aproxima. Isso é importante para evitar que ele esbarre nessa outra pessoa, se assuste ou quaisquer outros tipos de acidentes. É função do guia-intérprete avisar sobre o ambiente, o espaço visual e tudo que nele acontece.

Portanto, o guia-intérprete precisa estar atento ao ambiente, pois há várias situações (como crianças correndo, objetos no caminho, árvores ou outros elementos da natureza) que podem atrapalhar a movimentação do surdocego.

O próximo sinal háptico, indicado na Figura 9, também é feito no braço, sendo realizado da seguinte forma: a intérprete junta o indicador e o polegar, colocando a ponta dessa junção no braço do surdocego e fazendo movimento para cima e para baixo, deixando os outros dedos esbarrar na parte de cima do seu braço. Esse é o sinal de café. Se o intérprete quiser se retirar para tomar um café, basta ele fazer esse sinal e se retirar.

Figura 9 - Sinalização háptica para indicar café



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

No próximo sinal, representado na Figura 10, a guia-intérprete faz um X com a ponta do dedo indicador no braço do surdocego. Esse sinal é usado em palestras e apresentações, por exemplo, para indicar que a pessoa surdocega precisa interromper sua sinalização ou apresentação. Esse sinal também pode ser usado para indicar que o surdocego respondeu a uma pergunta de forma inadequada ou não condizente com a pergunta ou com o contexto.

Figura 10 - Sinalização háptica para pausa ou erro



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Na Figura 11, vemos o seguinte sinal: com todos os dedos da mão, a guia-intérprete faz um movimento sutil de “arranhar” no braço do surdocego. Esse sinal é para representar risos. Mais uma vez, a guia-intérprete precisa sinalizar as informações visuais às quais o surdocego não tem acesso. Indicando a interação que está acontecendo ao redor do surdocego, a guia-intérprete permite que ele entenda e faça parte dessa interação também.

Figura 11 - Sinalização háptica para representar risos



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Ainda na Figura 11, se a guia-intérprete fizer movimentos de zigue-zague, de cima para baixo, no braço do surdocego, esse sinal

representará choro ou tristeza. Novamente, precisamos nos certificar de interpretar o ambiente e indicar tudo que o surdocego não conseguirá identificar. Quando no cenário em que se encontram, o sentimento de tristeza, emoção, ou pessoas chorando, é percebido pelo guia-intérprete, ele precisa sinalizar para o surdocego. Por exemplo, em uma apresentação, se a mensagem sinalizada pelo surdocego estiver emocionando a plateia, esse sinal precisa ser utilizado.

Já na Figura 12, a guia-intérprete sinaliza um “U” nas costas do surdocego, com a ponta do dedo indicador. Esse sinal representa um sorriso. Ao perceber no ambiente essa interação de felicidade entre as pessoas, sinalizando para o surdocego que elas estão sorrindo, o guia-intérprete, de certa forma, permite que ele compartilhe dessa interação com seus interlocutores.

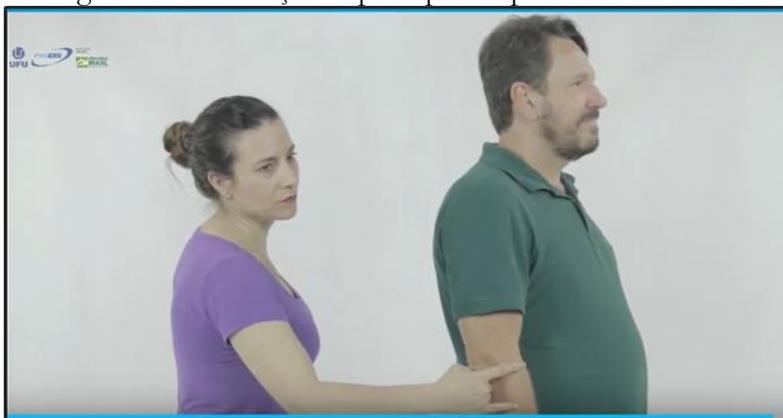
Figura 12 - Sinalização háptica para representar sorriso



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Por último, na Figura 13, podemos ver a guia-intérprete batendo, ao mesmo tempo, os dedos indicador e mindinho no braço do surdocego. Esse sinal indica que o guia-intérprete precisa usar o banheiro, mas ele não quer interromper a interação do surdocego com outra pessoa. Ele pode apenas sinalizar e se retirar sem causar nenhuma confusão posterior, pois o surdocego saberá que ele precisou se retirar.

Figura 13: Sinalização háptica para representar banheiro



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Por fim, ressaltamos, mais uma vez, que todas as informações, sejam sobre o espaço físico, sobre emoções ou acontecimentos, devem ser repassadas à pessoa surdocega. Para isso, a sinalização háptica é fundamental, pois ela contribui para transmitir informações relevantes à pessoa surdocega sem, necessariamente, ter que interromper determinada interação.

6. Considerações finais

Neste capítulo, buscamos apresentar alguns aspectos patológicos da surdocegueira e algumas possibilidades linguísticas relacionadas aos sujeitos surdocegos para que, assim, possamos ampliar nosso leque de informações a respeito desses sujeitos socioculturais. As pessoas surdocegas, como vimos, podem desenvolver diferentes formas de comunicação e interação. Essas variadas formas comunicacionais, inevitavelmente, produzem identidades surdocegas distintas.

Assim como a Comunidade Surda luta por uma Educação Bilíngue, a Comunidade Surdocega também anseia por direitos educacionais que sejam condizentes com suas realidades linguísticas e culturais. Portanto, compreendemos que é importante conhecer as

diversas características das pessoas surdocegas para propiciar práticas educativas coerentes e inclusivas.

Desse modo, os processos de ensino e aprendizagem para estudantes surdocegos falantes de Libras precisam, portanto, estar alinhados às propostas de Educação Bilíngue de Surdos, conforme prevê a Lei nº 14.191/2021. Nessa perspectiva, entendemos que o pontapé inicial para promover essa modalidade educacional às pessoas surdocegas é conhecer um pouco mais desses sujeitos. Conhecer esses sujeitos, portanto, implica em compreender as possibilidades de comunicação e de interação, como a comunicação háptica, por exemplo.

Referências

ALMEIDA, W. G. A Língua de Sinais Tátil na Comunicação Com Surdocegos: Por Um Efeito de Modalidade Linguística. **Revista Porto das Letras**, Porto Nacional, v. 8, n. 4, p. 9-26, 2022. DOI: <https://doi.org/10.20873-202284-01>. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/10726>. Acesso em: 3 set. 2023.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 1 set. 2023.

BRASIL. **Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Brasília, DF: Presidência da República, 2021. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/114191.htm. Acesso em: 2 fev. 2023.

FERNANDES, S.; MOREIRA, L. C. Políticas de educação bilíngue para surdos: o contexto brasileiro. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 2, p. 51-69, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.37014>.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/er/a/zJRcjrZgSfFnKpbqTDh7ykK/>.

Acesso em: 3 set. 2023.

GARCIA, A. **Surdocegueira**: empírica e científica. São Luiz Gonzaga: [s. n.], 2008.